

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST**

**VALDINEY SILVA NEVES**

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA NA BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO**

**TEFÉ**  
**2024**

**VALDINEY SILVA NEVES**

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA NA BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO**

Trabalho monográfico apresentado ao Centro de Estudos Superiores de Tefé-CEST da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, como parte das exigências para a obtenção do título de graduação em Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Me. Macário Carvalho Lopes.

**TEFÉ**

**2024**

Termo de Aprovação

**VALDINEY SILVA NEVES**

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA NA BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO**

Trabalho monográfico apresentado ao Centro de Estudos Superiores de Tefé-CEST da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, como parte das exigências para a obtenção do título de graduação em Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Me. Macário Carvalho Lopes.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Msc. Macário Carvalho Lopes (Orientador)

---

Prof. Dr. Daniel Alves de Araújo

---

Prof. Dr. Daniel Barros de Lima

**TEFÉ**  
**2024**

## RESUMO

O presente trabalho terá como objetivo abordar os diversos estudos e pesquisas que foram realizadas sobre o Jesus histórico ao longo da História. Metodologicamente, o trabalho foi baseado na pesquisa bibliográfica com autores que abordam a temática do Jesus histórico. A fundamentação teórica foi baseada em Nogueira e Machado (2009), Crossan (2004), Silva (2016), Lisboa (2001), Horsley (2004), dentre outros. A pesquisa bibliográfica apontou que os estudos e pesquisas sobre o Jesus histórico são antigos e remontam períodos anteriores ao século XVIII. A partir do século XVIII se iniciaram os estudos sistematizados que se intensificaram no século XIX e se aprofundaram no século XX. Na atualidade as pesquisas sobre o Jesus histórico se fundamentam nas diversas contribuições que recebeu ao longo do tempo e se caracterizam pela questão da interdisciplinaridade, pela ampliação das fontes, bem como pelo amadurecimento da hermenêutica. Desse modo, as atuais pesquisas e estudos são importantes para alargar os horizontes das interpretações sobre o Jesus concebido a partir de uma perspectiva histórica e científica.

**Palavras-chave:** Jesus histórico; historiografia; Hermenêutica.

## ABSTRACT

The present work will aim to address the various studies and research that have been carried out on the historical Jesus throughout History. Methodologically, the work was based on bibliographical research with authors who address the theme of historical Jesus. The theoretical foundation was based on Nogueira and Machado (2009), Crossan (2004), Silva (2016), Lisboa (2001), Horsley (2004), among others. The bibliographical research showed that studies and research on the historical Jesus are old and date back to periods before the 18th century. Systematized studies began in the 18th century, intensifying in the 19th century and deepening in the 20th century. Currently, research on the historical Jesus is based on the various contributions received over time and is characterized by the issue of interdisciplinarity, the expansion of sources, as well as the maturation of hermeneutics. Therefore, current research and studies are important to broaden the horizons of interpretations about Jesus conceived from a historical and scientific perspective.

**Keywords:** Historical Jesus; historiography; Hermeneutics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>I CAPÍTULO: TRAJETÓRIA DAS PESQUISAS E ESTUDOS SOBRE O JESUS HISTÓRICO.....</b>	<b>12</b>
1.1 O conhecimento histórico e os pressupostos das pesquisas sobre o Jesus histórico...12	
1.2 As antigas abordagens e perspectivas sobre o Jesus histórico (Início do século XVIII até 1906).....14	
1.3 A segunda etapa das pesquisas sobre o Jesus histórico (1953 a 1980).....18	
1.4 A terceira fase das pesquisas sobre o Jesus histórico (1980 até os dias atuais).....20	
<b>II CAPÍTULO: PESQUISAS ATUALIZADAS E AS CONTRIBUIÇÕES DO JESUS HISTÓRICO PARA A SOCIEDADE ATUAL.....</b>	<b>25</b>
2.1 As pesquisas atualizadas sobre o Jesus histórico.....25	
2.2 O Jesus histórico no pensamento de Richard H. Horsley.30	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

*“Nesse mesmo tempo, apareceu JESUS, que era um homem sábio, se é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas também por muitos gentios. Ele era o CRISTO. Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, os quais veem ainda hoje, tiraram o seu nome<sup>1</sup>”. Flávio Josefo.*

A frase acima que dá início às nossas reflexões sobre os estudos do Jesus histórico ao longo da História, foi proferida por Flávio Josefo<sup>2</sup>. Flávio Josefo foi um historiador que teria sido contemporâneo de Jesus e possivelmente uma de suas testemunhas oculares. Os escritos de Flávio Josefo é uma das fontes que servem de apoio para as pesquisas e estudos sobre a questão do Jesus histórico. A afirmação de Josefo sobre a figura de Jesus nos remete tanto para a dimensão do Jesus espiritual, quando escreve sobre a questão da ressurreição, bem como para o Jesus histórico, quando afirma que Jesus era um ser humano que viveu em um determinado período histórico, fez história, e por isso, podemos afirmar que foi protagonista nessa história. E esta é a história dos homens e mulheres do seu tempo, bem como do nosso, porque em dias atuais a figura de Jesus continua a influenciar a vida de muitos que seguem seus ensinamentos, bem como daqueles que se sentem atraídos pelos seus feitos históricos.

Embora sendo religiosos ou não, o fato é que a figura de Jesus continua em tempos atuais a exercer grande influência na sociedade e na vida das pessoas. Para Konings (1997) Jesus de Nazaré continua sendo uma presença inelutável na consciência cultural do Ocidente e do mundo inteiro. Mesmo quem lhe recusa assentimento religioso, não escapa ao fascínio exercido, se não por sua pessoa, então pelo lugar que ele ocupa na história e a importância que, de bom ou mau grado, lhe é reconhecida. Esse fascínio se traduz no desejo de saber o que Jesus de fato andou fazendo, prescindindo daquilo que seus seguidores fizeram dele.

---

<sup>1</sup> JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. São Paulo: CPAD. 2000.

<sup>2</sup> Yosef Ben Mattitihu Ha-Cohen, posteriormente conhecido como Flávio Josefo, nasceu em Jerusalém no ano 37 do primeiro século de nossa era e tendo falecido, provavelmente, no início do segundo século (PEGORARI, 2015, p. 1).

Já para Nogueira e Machado (2009) a razão principal, quase desnecessária dizer, é que toda nossa cultura ocidental, de alguma forma, se estruturou em torno de narrativa sobre este personagem judeu do primeiro século, a despeito de quantas interpretações e atualizações ele receba hoje. Por isso, independentemente das opiniões que alguém possa ter, ou do quanto as opiniões resultantes se distanciaram ao longo do tempo, de quem foi, de fato, Jesus de Nazaré, essa figura envolta em muitos mitos é um referencial de vida para muitos e fonte de pesquisa sobre as origens para outros tantos, pois a cultura ocidental tem na sua trajetória de Jesus de Nazaré um de seus mais importantes fundamentos.

Ao longo da história, os estudos e pesquisas sobre o Jesus histórico vêm adquirindo grande importância na academia e em outros espaços não religiosos, como por exemplo na cultura popular através de filmes e outras obras de arte. Esses estudos e pesquisas são antigas conforme apontam Nogueira e Machado (2009, p. 7):

O debate específico sobre o “Jesus histórico”, como se convencionou chamar, tem suas raízes na modernidade com Hermam Samuel Reimarus, no século XVIII, as quais ramificaram posteriormente através de pesquisadores com Strauss, Bauer, Renan e vários outros que escreveram sobre a “Vida de Jesus”.

Conforme verificamos acima, essas pesquisas sobre o Jesus histórico passaram por muitas fases, de modo, que as mais antigas concepções sofreram críticas pelos estudos e pesquisas de estudiosos que passaram a sistematizar suas concepções sobre o Jesus histórico:

Embora estas “Vidas de Jesus” tenham sido vistas com otimismo como “pesquisar histórica”, foi Albert Schweitzer quem frustrou sua expectativa de resultados positivos, quando, de modo decisivo e influente, apresentou a acusação de que as tais “Vidas” não passavam de um Jesus feito à imagem de seus estudos modernos do século XVIII e XIX. Schweitzer entendia que o máximo que podemos saber do Jesus histórico é que teria sido um profeta apocalíptico que pensou ser aquele que inauguraria o Reino de Deus na terra, mas que morreu frustrado e condenado na cruz. Não é difícil perceber que Schweitzer disse que o Jesus histórico não interessa à fé e à religião [...] O impacto da conclusão de Schweitzer pode ser percebido naquele que ficou conhecido como perigo da “Não busca”, liderado por Rudolf Bultmann. Este perigo abrange quase cinquenta anos após Schweitzer, que publicou seu livro *A busca do Jesus histórico* ainda no início do século XX. Bultmann estava interessado em desmitologizar a pregação da Igreja primitiva a respeito de Jesus conforme consta nos Evangelhos, considerando que esse “Jesus querigmático” ou “mitificado” era o único realmente disponível para a pesquisa [...] Foi somente em 1954 que um aluno de Bultmann, Ernst Kasemann, propôs outra busca mais otimista a partir do “critério de diferença”, que procurou descartar o que seria próprio do Judaísmo e do Cristianismo primitivo para chegar ao Jesus da História. Embora esta nova investigação tenha tido seu apogeu, experimentos rápido declínio porque ficou a impressão de que ela não dava conta de acrescentar algo mais relevante diante das conclusões de Schweitzer (NOGUEIRA, MACHADO, 2009, p. 8)

As novas pesquisas passaram a criticar justamente antigas concepções que construíram uma imagem de Jesus a partir da sua ótica e subjetividade. Até podemos afirmar que os estudos e imagens sobre o Jesus histórico partiram de fora, ou seja, do contexto histórico e social na qual os estudiosos estavam inseridos, conforme constata Crossan (2004, p. 62):

[...] Que, porém, tudo começou muito antes de Reimarus, na “Europa Meridional” e ocidental dos séculos XI e XII. A partir desses momentos iniciais, “a teologia da vida de Jesus desenvolveu-se a seguir em estreita interação com a evolução socioeconômicas e ideológicas da burguesia européia, com um de seus motores e também como sua consciência. A formação de burgueses conscienciosos e responsáveis exigia um ideal capaz de inspirar e orientar indivíduos que representassem e moldassem a nova visão social. A teologia de Jesus em expansão proporcionaria esse estímulo germinal. Esse ímpeto social continuou até meados e fim do século XX. “A origem da chamada Nova Busca [do Jesus histórico] no início da década de 1950, sua difusão um tanto explosiva, não só na Alemanha, mas também em todo o mundo, e sua duração prolongada eram, e ainda são, uma surpresa completa para o historiador, pelo menos superficialmente [...] Para a Nova Busca, o Reino de Deus continua central – tema que desde a Idade Média permanece tão fértil para o desenvolvimento da consciência burguesa... Percebo a causa principal na contínua situação social e histórica de toda a busca do Jesus histórico, isto é, sua localização na evolução da consciência burguesa, não apenas como ideal, mas como expressão de um momento socioeconômico e político (CROSSAN, 2004, p. 63-64)

Os estudos realizados por Crossan apontam justamente para a trajetória dos estudos do Jesus histórico ao longo da história. De acordo com o autor, as buscas pelo Jesus histórico são antigas e remontam períodos anteriores ao século XVIII, considerado o marco inicial dos estudos sistematizados. Ainda de acordo como o autor, o contexto histórico, social, econômico e cultural de cada período histórico, influenciou diretamente as pesquisas que construíram a imagem do Jesus histórico. Apesar desses estudos serem uma tentativa de interpretar a figura de Jesus a partir de uma perspectiva científica, os primeiros estudos sobre o Jesus histórico foram feitos a partir de influências externas, ou seja, as necessidades ideológicas da burguesia europeia que precisava apresentar a imagem de Jesus para os indivíduos a partir do seu ponto de vista.

No entanto, as pesquisas antigas, bem como as atuais sobre o Jesus histórico, foram e são uma tentativa de construir uma interpretação a partir de uma perspectiva historiográfica e com um viés científico, conforme verificamos a seguir:

[...] Tal reconstrução conta agora com o reforço de estudos mais maduros das fontes não canônicas, como os pseudoepígrafos e os *Manuscritos do Mar Morto*. No lugar do “Judaísmo monolítico” do primeiro século assumido por muitos até pouco tempo, hoje se sabe que o judaísmo de então era muito mais diverso do que se imaginava, incluindo o Judaísmo

palestinense [...] A pesquisa sobre o Jesus histórico, mesmo pretendendo oferecer uma interpretação mais objetiva da vida de Jesus, livre do dogma, a partir das fontes mais confiáveis e definidas por critérios científicos, não consegue se desvencilhar do peso das decisões hermenêuticas na reconstrução hipotética de sua vida (NOGUEIRA, MACHADO, 2009, p. 8-9)

As atuais pesquisas partem de uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar com a ampliação de fontes que são importantes para a ampliação e aprofundamento dos estudos do Jesus histórico. De acordo com Nunes (2014) esses estudos, com características e metodologias de cunho científico possibilitaram uma maior intensificação das interpretações que visam a problematização do ambiente a que Jesus pertenceu, mostrando que não apenas a forma primeira da religião cristã, como também o próprio Jesus [con]viveu e, um pouco mais tarde, foi representado dentro desse ambiente de profundas interações culturais que vigoravam na Palestina antiga. A figura de Jesus, seguindo essa linha, deve ser incluída dentro de um espaço multifacetado, no qual era marcado por intensas inquietações políticas, culturais e religiosas; o que significa dizer que deve ser entendida como parte integrante do complexo universo do judaísmo, mas também a partir de suas relações dinâmicas – ou seja, tensões, negociações e conflitos – com o amplo mundo greco-romano. Sendo assim, pode-se elencar pelo menos três elementos balizadores para a caracterização da Palestina do século I d.C. como um ambiente profundamente multifacetado: (1) o próprio judaísmo, (2) a presença do Império Romano e (3) do helenismo. Sendo assim, a figura de Jesus esteve inserida no cenário político, religioso e econômico, relacionando com todas essas dimensões e de diversas maneiras: ao questionar o Templo e as autoridades constituídas e não constituídas; ao substituir esses espaços religiosos pelo espaço da casa, especificamente da mesa; ao comer com publicanos, pescadores e impuros.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo, abordar os diversos estudos e pesquisa que foram realizadas sobre o Jesus histórico ao longo da História. Metodologicamente, utilizamos a pesquisa bibliográfica com autores que abordam a temática do Jesus histórico. De acordo com Gil (2018) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de um material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar.

O trabalho está dividido em dois capítulos principais. No primeiro capítulo, tratamos especificamente da trajetória dos estudos sobre o Jesus histórico ao longo da História. No primeiro subtópico tratamos sobre a questão do conhecimento histórico e os pressupostos do Jesus histórico, ressaltando as possíveis intersecções entre a historiografia e a pesquisa sobre o Jesus histórico. No segundo subtópico tratamos sobre as primeiras abordagens do Jesus histórico que iniciaram no século XVIII e foram até meados do ano de 1906. No terceiro subtópico, tratamos sobre a segunda etapa das pesquisas a partir do ano de 1953 até o ano de 1980. A terceira etapa das pesquisas sobre o Jesus histórico que iniciaram no ano de 1980 e se prolongaram até os dias atuais, foi objeto de discussão do quarto subtópico. No segundo capítulo, abordamos os estudos e pesquisas atualizadas sobre o Jesus histórico, bem como as influências desses estudos na sociedade atual. Nesse sentido, no primeiro subtópico, apresentamos os autores atuais que pesquisam sobre a temática. E finalmente, no segundo subtópico, analisamos a importância dos estudos do Jesus histórico no pensamento de Richard H. Horsley, a partir de um enfoque relacional-contextual, possibilitando uma compreensão mais adequada do Jesus histórico.

## **I-CAPÍTULO: TRAJETÓRIA DAS PESQUISAS E ESTUDOS SOBRE O JESUS HISTÓRICO.**

Este capítulo terá como objetivo, trazer um panorama das diversas abordagens sobre o Jesus Histórico desenvolvidas ao longo da História. No entanto, como as pesquisas sobre o Jesus Históricas são densas e complexas, não pretendemos adentrar com profundidade nos estudos, nem tampouco pouco esgotar as reflexões a respeito da temática. Nossa proposta consiste em apresentar as principais abordagens que foram sistematizadas ao longo da História, demonstrando a importância da temática para os estudos históricos, para a academia, bem como para a sociedade como um todo.

### **1.1 O conhecimento histórico e os pressupostos das pesquisas sobre o Jesus histórico.**

A pesquisa sobre Jesus histórico, nos levar a refletir sobre a própria autenticidade do conhecimento histórico. História, é, fundamentalmente, uma disciplina acadêmica, uma modalidade de conhecimento mediante a qual pretendemos conhecer algo a respeito dos diversos aspectos da nossa realidade, através dos vestígios do passado, exatamente naquilo que concerne à nossa relação com o mundo no qual nos encontramos situados, conforme sustenta Hobsbawm (2013, p. 25):

O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.

Como o conhecimento em história, nos ajuda na produção do conhecimento sobre o Jesus histórico? Qualquer afirmação sobre Jesus histórico é relativa, ou seja, os estudiosos não contam com uma certeza, mas com probabilidades relativas. Essa premissa também serve para a pesquisa histórica que apesar de ser uma ciência, “a pesquisa histórica é científica” Bittencourt (2017, p. 123), não busca verdades absolutas. Ou seja, é um conhecimento que tem métodos, onde se busca chegar a resultados autenticamente plausíveis, reconhecidos internacionalmente pela comunidade científica. Mas este conhecimento, dentro do campo das ciências sociais, é um saber que tem suas limitações, pois seus resultados não são tão precisos, da mesma forma que são as ditas Ciências Exatas.

O historiador não formula suas teses, seus experimentos, em laboratório, como fazem as Ciências Exatas, e a partir desses experimentos saem resultados científicos.

Desta forma, o conhecimento histórico, nos ajuda, tão somente através dos seus métodos de pesquisa, do que pelo resultado final. Para Borges (1980), a história, como as outras formas de conhecimento da realidade, está sempre se constituindo: o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado. A história como forma de conhecimento, nos ajuda a compreender os fatos ocorridos no passado, ajudando na nossa compreensão do nosso presente, é um conhecimento que está sempre em mudanças, com novas perspectivas.

Ainda nessa linha de pensamento Hobsbawm (2013, p. 25) faz a seguinte afirmação:

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas de pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história.

O historiador, neste sentido, através de uma análise crítica do passado, formula um conhecimento histórico sobre o mesmo. O conhecimento histórico, é uma experiência intelectual, um exercício de nossa faculdade de pensar as coisas, de aprender os seus sentidos, de buscar a significação que ela tem para nós.

A história, portanto, é uma forma de conhecimento que busca esclarecer os fatos ocorridos no passado, estabelecer um feixe de probabilidades, através disso, busca levar o ser humano a refletir sobre formas de vida e de organização social, no bairro, na cidade, no país, em todos os tempos e espaços, procurando compreender e explicar suas causas e implicações, tal forma como foram vividos, naquele tempo e lugar específico estudado. O conhecimento sobre o passado deve servir também como compreensão do presente, ou seja, a realidade no qual estamos inseridos.

A partir desta compreensão do conhecimento histórico, é possível trilhar um caminho na busca do Jesus histórico, o homem Jesus de Nazaré, dentro do campo da história, passar a ser um objeto histórico, sendo assim possível estudar – ló, situá-lo no tempo e no espaço, analisado em vários aspectos. O ser humano Jesus de Nazaré, passa a ser pesquisado, estudado, do ponto de vista da história, da ciência, e não da fé. Ele se torna objeto de pesquisa, uma fonte histórica, e através desde estudos, se procura uma compreensão mais adequada do seu tempo, e de sua atuação na palestina do século I.

O “Jesus da História” significa o Jesus que viveu na antiga Palestina antes do ano 40 d. C. O único meio de reconhecer tal pessoa seria sermos completamente judeus do primeiro século vivendo na Galiléia nas três primeiras décadas, afim de encontrar Jesus. Isso é e sempre será impossível. Por outro lado, o “Jesus histórico” é o Jesus reconstruído, com juízo crítico e depois de uma longa investigação, ‘por especialista do Novo Testamento (LISBOA, 2001, p. 52)

A partir deste entendimento, podemos dizer, a pesquisa do Jesus histórico, é uma reflexão crítica, do que se pode saber histórica e cientificamente verificado a respeito de Jesus de Nazaré. Jesus histórico, é, então, aquilo constatado pela pesquisa científica. Para tal aproximação histórica, faz-se necessário, contar com todos os recursos disponíveis na investigação contemporânea, sempre em uma perspectiva interdisciplinar. Nesta linha de raciocínio, iniciam-se então, várias pesquisas, para se chegar o mais próximo possível de Jesus de Nazaré, o Jesus histórico, não o Jesus Cristo, anunciado pela igreja, oculto nos evangelhos. Mas sim, o Jesus humano, de Nazaré, encontrado pelos pesquisadores. Desse modo, nos próximos subtópicos apresentaremos as principais pesquisas e estudos sobre o Jesus histórico que se desenvolveram ao longo da História.

## **1.2 As antigas abordagens e perspectivas sobre o Jesus histórico (Início do século XVIII até 1906).**

No presente subtópico trataremos a respeito das abordagens mais antigas sobre o Jesus histórico. Há um consenso hoje em dia, entre os pesquisadores que investigam a vida de Jesus de Nazaré, que houve três períodos na busca do Jesus histórico. A primeira busca do Jesus histórico, é do começo do século XVIII até 1906, a segunda busca é de 1953 a 1980, e a terceira busca é de 1980 até os dias de hoje.

A primeira busca do Jesus histórico (começo do século XVIII a 1906), foi desenvolvido por teólogos alemães e franceses, os quais negaram a inspiração da Escritura e a consideraram um documento histórico. Por isso, promoveram a investigação da mesma e do Jesus histórico a partir de análises históricas.

Um dos representantes dessa primeira busca, foi o professor de hebraico, Hermann Samuel Reimarus (1694 – 1768)<sup>3</sup> que iniciou a primeira tentativa para analisar o Jesus histórico. Eis algumas concepções de Reimarus:

Antes dele, ninguém havia tentado formar uma correta compreensão a respeito da vida de Jesus, e foi a partir de sua morte, que seus escritos, publicados por Lessing, sem revelar a identidade do autor, se tornaram

---

<sup>3</sup> Hermann Samuel Reimarus, foi professor de língua orientais em Hamburgo, foi durante a sua vida um experto literário da religião da razão proposta pelo deísmo inglês (LISBOA, 2001, p. 53)

acessíveis, e assim se iniciou o tratamento da vida de Jesus através de uma perspectiva puramente histórica, na qual Reimarus distinguia principalmente entre a pregação de Jesus e a fé dos apóstolos de Cristo, sendo que a pregação de Jesus só poderia ser compreendida a partir do contexto da religião judaica do seu tempo, sendo Jesus uma figura judaica, e o cristianismo uma invenção dos apóstolos. Seu trabalho estava à frente de sua época e ainda defendia que Jesus, sendo uma figura judaica, que pregava o que os judeus esperavam, foi um pregador falho, pois não atraiu para si o povo de Israel (DUTRA, 2016, p. 147)

Conforme verificamos acima, as concepções de Reimarus sobre Jesus são diferentes daquelas que foram divulgadas pela Igreja. Este autor, foi o primeiro a analisar a figura de Jesus a partir de uma perspectiva historiográfica. Para Reimarus, o Jesus histórico foi um revolucionário judeu que falhou ao tentar estabelecer um reino messiânico terreno, conforme pontua também Silva (2016 p. 17):

A percepção a respeito de Jesus que emergia dos trabalhos de Reimarus, era que havia por parte do Nazareno uma mera visão revolucionária no sentido do estabelecimento do reino davídico, que redundaria na libertação do povo de Israel do jugo romano. Contudo, como o projeto revolucionário terminou em um fragoso fracasso, com a morte na cruz. O que levou os discípulos a transformarem o mártir no messias ressurreto, reescrevendo, fraudulentamente, a sua história, que foi consignada nos evangelhos.

Jesus na concepção do estudioso foi um simples mestre religioso, não uma figura divina como propaga a Igreja. Para ele, a Igreja havia dado uma ênfase equivocada e incorreta sobre a pessoa de Jesus. Reimarus de certa forma, abala os dogmas da Igreja sobre Jesus, ao apresentar por exemplo, a ressurreição como algo inventado pelos seguidores de Jesus.

Para o estudioso, os discípulos, assim como o próprio Jesus, esperavam uma “revolução política” e não “sobrenatural ou divina” como aquela concebida pela Igreja. Para a Igreja Jesus é o filho de Deus cuja morte e ressurreição estavam dentro do plano salvífico de Deus de libertar os seres humanos da escravidão da morte e do pecado. Nesse sentido, a morte de Jesus, foi compreendido como um sacrifício planejado por Deus para libertar a humanidade do mal cuja manifestação estaria concretizado no pecado e na morte.

Podemos afirmar que as concepções de Reimarus sobre Jesus estavam baseadas numa perspectiva racional. De acordo com Silva (2016) a pesquisa inaugurada por Reimarus, um dos maiores expoentes do deísmo, e, portanto, advogava uma perspectiva racionalista para a religião. É exatamente com o referido pensador que se inicia uma abordagem puramente histórica a respeito de Jesus, denominada “a procura do Jesus histórico”, que vem sendo discutida nos últimos 200 anos.

Outro estudioso desse período que adentrou nos estudos do Jesus histórico foi o filósofo e teólogo David Friedrich Strauss (1808-1874)<sup>4</sup>. Eis algumas concepções de Strauss:

Strauss contribuiu para a busca do Jesus histórico com a aplicação do conceito de mito, empregado na pesquisa vigente ao Antigo Testamento. Asseverava o referido que a visão mítica a respeito do mestre de Nazaré era uma síntese, no sentido hegeliano das interpretações supranaturalistas e racionalistas. Além disso, Strauss compreendeu ainda que a construção do mito não implicava, necessariamente, uma mera construção fraudulenta, como asseverava Reimarus, mas consistia em processo inconsciente da imaginação mítica. Ressaltamos ainda que Strauss foi um dos primeiros estudiosos a considerar que o evangelho de João era historicamente menos confiável que os sinóticos. O aludido pesquisador se valia, em seus estudos, de uma relação literária entre os evangelhos, superada pelo estudo da crítica literária posterior, já que era da opinião que o evangelho de Mateus e Lucas seriam mais antigos do que o de Marcos (SILVA, 2016, p. 18)

Conforme verificamos acima, os estudos de Strauss sobre o Jesus histórico seguem a mesma linha racionalista de Reimarus. Strauss assim como outros pesquisadores sobre o Jesus histórico irão interpretar os evangelhos de maneira crítica. Os evangelhos são para a Igreja como as principais fontes para o conhecimento sobre Jesus, por isso, são fontes que não podem ser questionadas segundo a Tradição da Igreja. A pesquisa inicial sobre o Jesus histórico vai quebrar com esse paradigma por meio da crítica e apresentando também outras possibilidades de fontes de estudos para o Jesus histórico.

O terceiro pesquisador que influenciou as pesquisas sobre o Jesus histórico nesse período foi Albert Schweitzer (1875 – 1965). Abaixo, estão algumas das suas principais ideias:

Albert Schweitzer mostrou em seu livro *The Quest of the Historical Jesus*, que todas as vidas de *Jesus* eram projeções subjetivas de seus autores. Ele demonstrou que cada uma das pinturas liberais de Jesus apresentavam a estrutura de uma personalidade que, segundo seu autor, propugnava o ideal ético mais digno. O seu retrato pessoal de Jesus era o de um profeta apocalíptico fanático (LISBOA, 2001, 57)

Schweitzer também concebe um Jesus diferente daquele apresentado pela Igreja. Para o estudioso, as imagens sobre Jesus foram construídas segundo as interpretações subjetivas de cada autor. Para o autor, Jesus também seriam um profeta judeu com aspirações revolucionárias e messiânicas típicas do seu tempo. Ou seja, Jesus se enquadraria na mesma linha de outros profetas judeus que pregavam uma revolução que

---

<sup>4</sup> O filósofo e teólogo David Friedrich Strauss pupilo de F.C. Baur e F.W. Hegel, publicou *Vida de Jesus* em 1803, com a intenção de abrir o caminho para sua própria construção teológica da fé cristã (LISBOA, 2001, p. 54).

libertaria seu povo. Para Nunes (2014) a maior contribuição da teologia alemã foi justamente a investigação crítica acerca da vida de Jesus. Schweitzer, inclusive, ao fazer essa análise, atribuiu a esse feito o termo “conquista”, certamente em razão da dificuldade em abordar o tema, já que a figura de Jesus esteve envolvida em uma pátna dogmática durante séculos. Em sua história da pesquisa do Jesus histórico, Schweitzer ressaltou o constrangimento dogmático enfrentado por alguns dos primeiros pesquisadores da vida de Jesus, o que ocasionou em perdas de cátedras nas universidades da Alemanha, restrições por parte das igrejas e até em proscricões sociais. A teologia alemã abriu o caminho para a pesquisa da figura de Jesus e determinou as suas condições, quebrando com a indiferença em relação à investigação da vida de Jesus.

Rudolf Bultmann (1884 – 1975), foi o último dos expoentes dessa primeira fase das pesquisas sobre o Jesus histórico. Esse estudioso também foi considerado o teórico de transição entre a primeira e a segunda fase das pesquisas sobre o Jesus histórico. Eis algumas das suas principais concepções:

Por conseguinte, Bultmann asseverou que, tendo em vista a incerteza histórica que ronda o personagem Jesus, especialmente em virtude das fontes disponíveis não serem documentos históricos e sim teológicos, concluiu-se, portanto, tendo como lastro a premissa bultmanniana, que a mensagem dos evangelhos não tem como objetivo final o Jesus histórico [...] Obviamente, para a consecução de suas teses, Bultmann se apropria de um conceito de história racionalista e existencialista. Assim, lastreado no conceito racionalista de história, Bultmann assevera que a linguagem do Novo Testamento é estritamente mitológica, refletindo a maneira como os redatores compreendiam o seu mundo. Através da mitologia, os evangelistas acabaram inserindo, na história, conceitos que não poderiam, em hipótese alguma, pertencer a ela, já que são respaldados pelo crivo da Ciência. Em linhas gerais, podemos explicar a desmitologização como a compreensão de que todo o elemento ou mensagem que transcende à racionalidade, a exemplo dos milagres, por serem mitológica, deveriam ser deixados de lado no estudo do Jesus histórico. O enfoque, então seria, na mensagem de Jesus e na sua compreensão, mensagem essa, implementada pelas primeiras comunidades de fé após a morte de Jesus. Ainda nessa perspectiva, na visão bultmanniana, os relatos dos evangelhos são inconcebíveis para o homem moderno, que defenestrou de sua epistemologia ações supranaturalistas (milagres, demônios, anjos e etc) no curso da História. Portanto, a obra do intérprete é atingir o cerne da mensagem dos evangelhos por meio da desmitologização do querigma (SILVA, 2016, p. 19-20)

Conforme verificamos acima, Bultmann em seus estudos, afirmava que a Igreja primitiva não estava interessada em uma biografia de Jesus. Desta forma, não é possível traçar um itinerário referente a vida e a personalidade de Jesus de Nazaré, pois, segundo ele, as fontes cristãs primitivas não demonstram nenhum interesse, além do mais, elas são grandemente fragmentadas e frequentemente bem conhecidas. Sua tese é, o Cristo que é

apresentado não é o Jesus histórico, mas sim o Cristo da fé. De acordo com Bultmann, tendo como base certas considerações críticas das tradições palestinas, a única coisa que se poderia descobrir são os rudimentos da essência da mensagem de Jesus, sua “palavra”. Essa “palavra” está ligada à vinda do reino de Deus, um evento escatológico milagroso que deve ser interpretado existencialmente.

Dessa forma, esses primeiros estudiosos que de certa forma, inauguraram as pesquisas sobre o Jesus histórico, construíram as bases das investigações, investigações essas baseadas a partir de uma perspectiva científica. Tais pesquisas questionaram os vários paradigmas sobre o entendimento da figura de Jesus, especialmente aqueles ligados e apresentados pela Igreja, ou seja, o Jesus da fé. No próximo subtópico continuaremos na proposta de apresentar as pesquisas e estudos sobre o Jesus histórico que se deram principalmente ao longo do século XX.

### **1.3 A segunda etapa das pesquisas sobre o Jesus histórico (1953 a 1980)**

No presente subtópico, abordaremos a segunda etapa dos estudos que se desenvolveram ao longo da História sobre o Jesus histórico. Essa etapa tem como palco todo o século XX e suas transformações no campo social e no âmbito da Ciência.

A segunda fase das pesquisas sobre o Jesus histórico apresenta uma tentativa de demonstrar a relação entre a dimensão do Jesus histórico e o da fé. Para Santos (2018) a segunda busca ou investigação consiste na tentativa de uma nova interpretação sobre a vida de Jesus de Nazaré. Enquanto, a primeira investigação enfatizava somente a vertente racionalista, naturalista e histórica, a segunda investigação, foi uma nova busca de tentar explicitar a relação do Jesus histórico e o Cristo da fé.

Um dos estudiosos que se destacou nas pesquisas sobre o Jesus histórico nesse período foi Ernst Kasemann (1906-1998)<sup>5</sup>. Apresentamos a seguir algumas de suas principais ideias:

O Jesus de Nazaré é o Jesus da história “*historie*”, ou seja, o terreno, que se remete ao fato “*de quem ele era*” e que pode ser provavelmente evidência de estudo historiográfico. O Cristo da história “*geschichte*” é o Cristo do querigma que expõe e explica a história de Jesus a partir do pressuposto da sua importância da fé, que traz a salvação para o aqui e o agora [...] Nesse contexto, a concepção de Kasemann é advogar que o Cristo do querigma é por identidade o Jesus histórico. Apesar de que ele, concorda com a premissa da teologia liberal de Bultmann, que não é

---

<sup>5</sup> Ernst Kasemann (1906-1998), teólogo luterano alemão e professor de Novo Testamento em Mainz (1946-1951) (FARBEL, 2005, p. 17-19)

possível acessar ao Jesus histórico pelo motivo que todo aquele que se sugere a pesquisar a vida de Jesus, aproximará somente ao Jesus anunciado pelos discípulos (querigma). No entanto, o Jesus histórico é o Cristo do querigma, devida a interpretação de fé dos discípulos após o evento pós-pascal. O Jesus histórico é só entendido no Cristo da fé enquanto objeto de pesquisa histórica, ou seja, no Cristo da fé existem traços históricos que se fazem presentes nos evangelhos [...] Segundo Kasemann, a comunidade primitiva não podia e nem queria apartar a história “*historie*” da sua própria história “*geschichte*”. Pois, a intenção da comunidade não era fazer uma abstração da sua fé, estabelecendo uma ruptura entre o Jesus de Nazaré e o Cristo da fé, pois as ambas dimensões estão entrelaçadas em uma só Pessoa e um só Senhor. Sublinhar somente a dimensão interpretativa da fé a pessoa de Jesus de Nazaré é cair numa abstração. Desse modo, Kasemann afirma que a fé pascal é o fundamento do querigma e não é a primeira e nem a única a lhe dar conteúdo. Para ele, existe uma ação antecedente de Deus que precede a fé e isso se corrobora na pregação e na vida terrena de Jesus. Com outras palavras, a ação de Deus se exprime na história antes da nossa fé que manifestou a sua graça na vida do Jesus terreno a favor da nossa salvação (SANTOS, 2018, p. 23-24)

Conforme afirmamos anteriormente, nesta segunda fase, os pesquisadores buscaram estabelecer uma relação entre o Jesus histórico e o da fé, do *Querigma*<sup>6</sup>, palavra que no âmbito cristão significa “mensagem, pregação, anúncio ou proclamação”, ou melhor o Jesus que é anunciado pela Igreja e está presente nos seus dogmas e Tradição. Desse modo, para o estudioso, no Jesus da fé existem traços do Jesus histórico. Nos evangelhos, que são para a Igreja as fontes inquestionáveis e fidedignas, podemos encontrar informações e conhecimentos sobre o Jesus histórico. Para as primeiras comunidades cristãs havia uma certa dificuldade de separar o Jesus histórico e o da fé. Havia um entendimento que as duas dimensões, o histórico e o da fé, estavam presentes na natureza de Jesus, sendo que as duas naturezas manifestavam a presença de Deus e sua ação para salvar a humanidade. Desse modo, para o estudioso, por meio dos ensinamentos de Jesus (*Kerigma*) seria possível encontrar aspectos do Jesus histórico. O autor concebia que há uma continuidade entre o Jesus da história e o Cristo da fé que poderia ser validada para se ter uma ideia do Jesus histórico. Para encontrar os ensinamentos de Jesus nos evangelhos se requer o uso das críticas das formas e outras ferramentas críticas.

Outros estudiosos também surgiram nesse período seguindo a mesma linha de raciocínio de Kasemann na busca do Jesus histórico:

Três anos mais tarde, também uma conferência na Universidade de Zurich Ernst Fuchs propôs fundar um conhecimento do Jesus histórico

---

<sup>6</sup> Querigma: advém da palavra grega do verbo “kerysso” que tem o sentido de uma proclamação feita por um mensageiro “kérix” que anuncia uma ordem autorizada “kerygma” pelo rei, que exige que seja realizada. No sentido cristão, querigma significa o anúncio, a proclamação da boa nova de Jesus Cristo declarado na pregação dos seus discípulos a partir da força do Espírito Santo (GIBELLINI, Rosino, 1998).

relacionando a sua conduta com seus ensinamentos. Por exemplo, ele encontrou na parábola do filho pródigo (Lc, 15, 11-32) uma tentativa por parte de Jesus de defender a sua própria conduta com relação aos pecadores que recebia e com quem partilhava a mesa. Jesus conduzia-se de forma tal que ele pensava estar atuando no lugar de Deus, uma forma de comportamento tão audacioso que o levou à morte. Depois de localizar as passagens evangélicas onde ele encontrava coerência entre as palavras e atos de Jesus, Fuchs desenhou um Jesus que não era nem profeta, nem mestre de sabedoria, mas um homem que agia em lugar de Deus conduzindo pecadores para ele mesmo. Jesus, pedindo arrependimento a seus ouvintes, no momento da decisão, entendia “o tempo do reinado de Deus de uma nova forma; ele tentava fazer seu tempo do reinado de Deus (LISBOA, 2001, p. 60)

Zurich Ernst parte da premissa que as fontes das sagradas escrituras e da Tradição da Igreja sobre Jesus, podem apontar aspectos do Jesus histórico. Desse modo, a conduta de Jesus analisado de forma crítica a partir das passagens do evangelho apontariam para os aspectos do Jesus histórico. Conforme verificamos acima, ao analisar uma passagem do evangelho de Lucas, o autor constatou que os ensinamentos de Jesus apontavam justamente para um homem que pretendia se autointitular como sendo uma personificação de Deus.

Esses e outros estudiosos continuaram suas pesquisas a respeito do Jesus históricos. Essas pesquisas se efetivaram naquela que foi chamada a terceira fase dos estudos do Jesus histórico. Desse modo, no próximo subtópico abordaremos justamente esse terceiro momento que iniciou na década de 1980 e prolonga-se até em dias atuais.

#### **1.4 A terceira fase das pesquisas sobre o Jesus histórico (1980 até os dias atuais)**

No presente subtópico trataremos a respeito da terceira fase das pesquisas sobre o Jesus histórico. De modo geral, essa terceira fase das investigações sobre o Jesus histórico tem as seguintes características:

Para a maioria dos pesquisadores, a “*third quest*”, se refere ao período da terceira investigação ou busca do Jesus histórico. Esta nova fase tem como novidade uma nova perspectiva investigativa histórica, que inclui os aspetos, do social, do político, do econômico e do religioso da vida de Jesus de Nazaré que visa a partir do enfoque do judaísmo do seu tempo. Uma característica geral desta época é a fundamentação da pesquisa histórica que precisa dirigir-se por si mesma, de acordo com as fontes originais, que são autênticas, documentárias de modo legítimo [...] “*third quest*” é um período muito marcado por uma multiplicidade de concepções acerca do Jesus histórico. Vários teólogos, chegaram a resultados distintos a respeito da reconstrução da face de Jesus de Nazaré, por causa da diferenciação das abordagens aplicadas na mesma. Essa época ganhou o título de “nebulosa” formada por diversos eixos de pesquisas (SANTOS, 2018, p. 25)

Conforme verificamos acima, a terceira fase das pesquisas sobre tem como característica uma análise histórica pautada nos estudos sobre Jesus a partir do seu contexto

sociocultural, político, econômico e religioso. Uma outra característica metodológica seria a análise crítica das fontes que também se ampliaram e foram analisadas sob uma perspectiva interdisciplinar. Ainda de acordo com o autor, essa fase das pesquisas sobre o Jesus histórico também foi caracterizada pela ampliação dos estudos históricos o que demonstrou a importância que a temática ganhou dentro da academia e da sociedade como um todo.

Um dos estudiosos que influenciou esse momento da pesquisa sobre o Jesus histórico foi Ed Parish Sanders. Sanders apresenta as seguintes concepções:

A concepção de Sanders, é oposta ao ceticismo da escola alemã “*new quest*” que defendiam a premissa que era impossível construir o rosto, a personalidade do Jesus histórico. E por não terem um fundamento sócio-cultural de Jesus, fazendo dele um ser inexistente. Por isso, a sua pesquisa histórica é totalmente desvinculada do teor teológico acerca da problemática relação do Jesus histórico e o Cristo da fé[...] Na sua ótica, a pesquisa histórica deve ser guiada por si mesma baseada nas fontes originárias e nos documentos autênticos fidedignos de credibilidade científica (SANTOS, 2018, p. 26)

A pesquisa de Sanders aponta para uma visão positiva sobre o conhecimento do Jesus histórico. Esse conhecimento para Sanders deveria ser realizado por uma pesquisa rigorosamente científica e levando em consideração os métodos historiográficos de investigação. Um desses critérios metodológicos seria a análise fidedigna e sistemática das fontes sobre Jesus. É importante salientar que essas fontes não seriam somente os evangelhos, mas outras possibilidades a serem exploradas a partir daquele momento conforme nos aponta Lisboa (2001, p. 63):

Uma abertura sem restrições para as fontes não canônicas. A fonte das *logia* reconstruída a partir das fontes canônicas, toma uma significação crescente, como também o evangelho de Tomé, considerado independente dos evangelhos sinóticos. Existe um consenso que a multiplicidade das figuras de Jesus devem ser explicadas independentemente dos limites impostos pelo cânon.

Não haveria espaço nesse sentido, para um estudo do Jesus histórico a partir de uma perspectiva teológica. A ampliação das fontes na pesquisa do Jesus histórico e não somente a utilização das fontes canônicas, seria realmente uma das premissas que essa nova busca seguiria uma perspectiva científica.

Outro estudioso que também se destacou nas pesquisas sobre o Jesus histórico nesse período foi John Dominic Crossan (1934). Eis algumas argumentações de Crossan:

O Jesus histórico deve ser compreendido dentro do judaísmo de seu tempo. No entanto, como a pesquisa moderna afirma com uma insistência cada vez maior, esse judaísmo era extremamente criativo e diversificado.

No final do século II E.C., o judaísmo rabínico, assim como o cristianismo católico, estava lutando para projetar a sua ascendência sobre a história anterior, de modo que mais tarde seria difícil detectar essa pluralidade inicial em ambos os movimentos. De qualquer maneira, sem dúvida seria um erro afirmar que o judaísmo do tempo de Jesus era formal, normativa ou predominantemente rabínico. A distinção entre o judaísmo palestino e o da Diáspora também não é muito pertinente, ou útil. Trata-se de uma distinção geográfica, mas não ideológica [...] Na época de Jesus, havia apenas um tipo de judaísmo, o judaísmo helenista, que reagia com toda sua antiguidade e tradição a uma cultura greco-romana fortalecida pelo poder armado e por uma tradição imperial [...] O Jesus histórico, era, então, um camponês cínico [...] Ele não era um intermediário nem um mediador – mas sim, de forma um pouco paradoxal – alguém que anunciava que não deveria haver nenhum dos dois entre a humanidade e a divindade ou entre a humanidade e si mesma. Milagre e parábola, cura e refeição eram planejados para fazer com que os indivíduos tivessem um contato físico e espiritual imediato entre si e com Deus. Ele anunciava, em outras palavras, um reino sem intermédio de Deus (CROSSAN, 1994, p. 455-456, 460)

Conforme verificamos acima, para Crossan figura de Jesus não tinha haver com uma dimensão divina. Jesus na perspectiva do autor era um homem inserido na cultura e contexto social do judaísmo do seu tempo, ou seja, o judaísmo helenista. Ainda para o estudioso, Jesus era cínico<sup>7</sup> pertencia a uma corrente filosófica denominada de cinismo. Crossan com sua concepção, também quebra com o paradigma escatológico sobre a questão do fim do mundo e a vinda do reino de Deus. Para a Igreja o pensamento escatológico tem a ver com a segunda vinda de Jesus o que de certa forma aconteceria no tempo futuro. Da mesma forma, o reino de Deus anunciado por Jesus também seriam um evento que aconteceria no final dos tempos e inaugurariam um novo do tempo, ou seja, o reinado de Deus. Na concepção de Crossan, o reino de Deus anunciado por Jesus não seria um evento do futuro, mas um evento que ocorreriam no presente, naquele presente do seu tempo. Dessa forma, com a eminência do reino de Deus, Jesus conclamava as pessoas a aderirem a proposta da concretização do mesmo na terra. Para o pensamento cristão o reino de Deus não está relacionado a uma dimensão terrena, mas transcendental ou celeste. Por isso, na concepção de Crossan o reino de Deus tem uma conotação política e religiosa.

De acordo com Santos (2018) Crossan, concebe Jesus de Nazaré como um camponês cínico por causa dos seus eventos existenciais praticados na sua vida pública. Ele, caracteriza esses fatos existenciais da vida de Jesus de uma espécie de um cinismo

---

<sup>7</sup> Cínico: era considerado seguidor do cinismo, uma corrente filosófica grega fundada pelo discípulo de Sócrates chamado de Antístenes no ano de 400 a. C. O modo de vida dos filósofos que aderiam o movimento filosófico se classificava como aqueles que desmereciam as alianças sociais e viviam de uma forma itinerante desprezando todo apego material (GERD Theissen; ANNETE Merz, 2015).

judaico. Essa sua interpretação, parte de uma concepção escatológica voltado para o presente, ou seja, o “*eschaton*” possui a conotação do aqui, do agora e não acerca do fim das coisas, do (mundo) Dessa forma, Crossan discorria o seu pensamento pautado numa escatologia do presente, isto é, que o Reino de Deus era para o tempo do aqui, do agora, do hoje, do momento atual. Segundo ele, Jesus tentava persuadir com as suas palavras, sobretudo com o seu exemplo de vida de camponês galileu da época, a convencer as pessoas a aderirem o projeto do Reino de Deus na terra. Outro aspecto que se pode destacar do pensamento de Crossan é o dado político. Para ele, o Reino de Deus é 100% político e 100% religioso. As duas características do Reino de Deus estão entrelaçadas um no outro, estão totalmente em unidade. Reino é uma expressão política e Deus uma expressão religiosa.

Dessa forma a terceira etapa das pesquisas, apresenta a figura de Jesus sob os seguintes aspectos:

A “terceira” busca pelo Jesus histórico parte da premissa de que Jesus era um judeu típico do século I. Nasceu em Nazaré, viveu na Galileia, participou dos rituais judaicos, dialogou com seu pano de fundo multifacetado, foi influenciado pelos mestres do judaísmo que o antecederam, bem como, sua mensagem e pessoa tinham um sentido hermenêutico peculiar aos seus dias. Em suma, o grande mestre do cristianismo era um judeu típico da sociedade palestinese do século I (SILVA, 2016, p. 30)

As investigações nesta terceira etapa dos estudos sobre o Jesus histórico ganharam aspectos metodológicos científicos. A imagem que os estudiosos tiveram sobre Jesus se distancia daquele que foi transmitida pela Igreja a milênios. Para os estudiosos dessa fase, Jesus é um homem típico de seu tempo e influenciado pelos fatores sociais, políticos, econômicos e religioso próprios da Palestina do I século. Consciente dos acontecimentos e fatores do seu tempo, Jesus foi um ator social que conseguiu interpretar todo o seu contexto histórico e social e protagonizar mudanças que de certa forma trouxeram uma grande notoriedade para a sua pessoa.

Desse modo, o rosto de Jesus histórico foi construído muito em contraposição ao rosto do Jesus da religiosidade, ou do Kerigma, presente nos evangelhos canônicos e na Tradição da Igreja. Esse é o rosto de um ser humano comum que como outrora afirmamos, foi um atento leitor da sociedade do seu tempo. No próximo subtópico daremos continuidade os estudos sobre o Jesus histórico, enfatizando os estudos mais atualizados que contribuíram e estão contribuindo cada vez mais com a reconstrução da imagem do Jesus histórico.



## **II-CAPÍTULO: AS PESQUISAS ATUALIZADAS E AS CONTRIBUIÇÕES DO JESUS HISTÓRICO PARA A SOCIEDADE ATUAL.**

O segundo capítulo terá como objetivo apresentar as atuais pesquisas sobre o Jesus histórico, bem como uma reflexão sobre o lugar do Jesus histórico no pensamento de Richard H. Horsley.

Nesse sentido, buscamos analisar as influências e os impactos dos estudos do Jesus histórico no campo da academia e da sociedade como todo.

### **2.1 Pesquisas atualizadas sobre o Jesus histórico**

No presente subtópico abordaremos alguns estudos atualizados sobre o Jesus histórico. Nos últimos anos, tem crescido bastante o interesse pela busca do Jesus histórico, de modo que hoje se tem uma literatura vasta sobre esse assunto e uma gama de historiadores e outros estudiosos que se dedicam nessa temática.

Um desses estudiosos atuais é Richard A. Horsley. Eis algumas concepções de Horsley:

Embora o maior problema com a interpretação típica do Jesus histórico seja a despolitização praticada na teologia cristã ocidental e estabelecida nos estudos do Novo Testamento em geral, existem outros fatores seriamente limitadores. Os mais importantes são o fracasso em pesquisar, nos termos mais precisos possíveis, as condições históricas particulares em que Jesus agia; o fracasso em considerar a forma social da relação entre Jesus e os que respondiam a ele, e o fracasso em pesquisar, também nos termos mais precisos possíveis, a tradição cultural a partir da qual ele e os seus seguidores operavam. Se queremos compreender o Jesus histórico num contexto histórico mais completo e adequado, precisamos, sem dúvida, conceber uma abordagem mais abrangente e relacional (HORSLEY, 2004, p. 18-19)

Conforme verificamos acima, os estudos de Horsley sobre o Jesus histórico apresenta uma crítica aos estudos anteriores que não levaram em conta o contexto histórico e social na qual Jesus estava inserido. Desse modo, o estudioso aborda Jesus em um contexto sociológico. A partir disso, mostra um pano de fundo do contexto de Jesus, ou seja, Galileia, sua presença na política e no meio do povo. Seus estudos mostram que a pregação central de Jesus é o reino de Deus, sendo este reino, entendido como uma alternativa de governo, fora do Império Romano. Ou seja, um reino diferente daquele anunciado pelo Jesus da religiosidade.

De acordo com Nunes (2014) para Richard Horsley, o maior perigo das análises da vida de Jesus é a concepção dela e do seu cenário como despolitizados. Horsley enumera alguns fatores que contribuíram para essa construção de um Jesus despolitizado: o pressuposto moderno da separação da Igreja e do Estado e a concepção do individualismo ocidental moderno. De um lado, a projeção dessas premissas modernas para o ambiente da Palestina antiga, baseada no entendimento da figura de Jesus simplesmente como religiosa, possibilitou uma rejeição a segundo plano dos aspectos políticos e econômicos presentes nas comunicações e práticas de Jesus. De outro lado, a categorização da figura de Jesus como individual proporcionou uma desvalorização das relações de Jesus com grupos sociais e instituições políticas. No entanto, nas sociedades antigas, a dimensão religiosa estava profundamente envolvida com a vida política e econômica, como também dificilmente é possível separar a identidade, crença e comportamentos individuais da rede de relações e de instituições. Sendo assim, a figura de Jesus esteve inserida no cenário político, religioso e econômico, relacionando com todas essas dimensões e de diversas maneiras: ao questionar o Templo e as autoridades constituídas e não constituídas; ao substituir esses espaços religiosos pelo espaço da casa, especificamente da mesa; ao comer com publicanos, pescadores e impuros.

Ainda sobre alguns outros aspectos da vida de Jesus, Horsley aponta o seguintes:

Limitando-me a uma abordagem relacional mais abrangente, quero ater-me ao modo como Jesus reagia à ordem imperial romana ou, do ponto de vista dos seus contemporâneos galileus e judeus, à ordem que o imperialismo romano representava para as suas vidas. Uma vez ultrapassada as fronteiras da despolitização, que reduziu Jesus a um mestre religioso relativamente inócuo, parece óbvio que precisamos começar com um exame das práticas e efeitos do imperialismo romano que determinaram decisivamente as condições de vida na situação histórica que ele operava [...] Longe de ser redutível a religião, o contexto palestino imediato da missão de Jesus era altamente politizado, entremeado periodicamente de tumultos e protestos, movimentos e revoltas abertas contra a ordem imperial imposta pelos romanos. Querer entender a missão de Jesus sem uma consciência da frequente e intensa resistência à “nova ordem mundial” entre galileus e judeus seria como tentar compreender um movimento renovador islâmico contemporâneo no Oriente Médio sem consciência do descontentamento generalizado e de uma diversidade de movimentos, até de organizações terroristas. Baseados num levantamento dos vários movimentos de resistência entre os galileus e os judeus, podemos começar a suspeitar que Jesus não era uma figura absolutamente rara. Esse levantamento nos fará perceber como ele pode ter adaptado certos papéis sociais tradicionais, evidentes em outros movimentos relativamente contemporâneos, entre os camponeses galileus e judeus (HORSLEY, 2004, p. 19)

Horsley situa Jesus, dentro do ambiente da época, da literatura apocalíptica judaica, na qual compartilhavam um sentimento de esperança, onde Deus, irá restaurar a vida da sociedade do povo judeu, trazendo julgamento para aqueles que oprimiam o povo e vindicação para aqueles que fielmente aderem a vontade de Deus e responde ao seu reino. Neste contexto, Deus estava eminente e atualmente efetuando uma transformação histórica. Jesus então, como anunciador do reino de Deus, estava propondo para seu povo, na visão do autor, uma revolução social.

Outro estudioso que desenvolveu estudos sobre o Jesus histórico foi o professor James H. Charlesworth. Eis algumas concepções de Charlesworth:

James Charlesworth, que é membro do Institute of Biblical Research [Instituto de Pesquisa Bíblica], uma sociedade de estudiosos da Bíblia declaradamente evangélica, listou sob 27 diferentes títulos com diferentes graus de probabilidade o que ele acredita que podemos saber sobre o Jesus histórico apenas por motivos históricos. Ele conclui que “obtivemos uma grande quantidade de informações sobre o judeu que se aventurou nas colinas de Nazaré, centrou seu ministério em Cafarnaum, subiu a Jerusalém e ao templo para adorar e acabou morrendo em uma cruz de madeira fora dos muros ocidentais de Jerusalém”. Charlesworth acrescenta que Jesus “instou com todos os que o ouviram a estarem preparados para o governo de Deus, que às vezes parecia incrivelmente próximo daqueles que estavam perto dele (BLOMBERG; SEAL, 2020, p. 34)

Os estudos e pesquisas realizados por James H. Charlesworth abordam Jesus também dentro do seu contexto histórico e social, ou seja, a Palestina do I século. Para o estudioso, Jesus foi um ser humano comum que viveu na que viveu na Palestina do século I. No entanto, Jesus protagonizou na sua história ao ser influenciado por movimentos religiosos que pretendiam instaurar uma revolução social e religiosa.

Desse modo, situar Jesus no contexto histórico, social, religiosos e cultural do seu tempo, é poder ter uma compressão ampliada sobre a figura de Jesus na perspectiva histórica. Desse modo, seria preciso transcender as fontes canônicas e os estudos teológicos. Para se chegar a uma imagem mais histórica sobre Jesus, se faz necessário situá-lo dentro do contexto de sua época. Para isso, as pesquisas devem ter uma abordagem metodológica interdisciplinar, com a contribuição de todas as fontes disponíveis, recorrendo a uma série de espetaculares descobertas recentes em arqueologia e na literatura do período.

Outro pesquisador que contribuiu com a questão dos estudos sobre o Jesus histórico foi o professor Sean Freyne.

Freyne apresenta as seguintes considerações sobre o Jesus histórico:

O grupo de discípulos do Jesus histórico foi escolhido no vale do Mar da Galileia, região em que viviam e trabalhavam intimamente ligados ao mar

e a seus frutos. Freyne sugere que esse foi o método utilizado para conscientizar os discípulos da benção que a água é para a vida humana. Dessa forma, as associações simbólicas explicavam o Deus de Israel e sua benevolência para com o seu povo. Era característico do Jesus histórico falar em forma de parábolas, uma vez que representavam uma rica seara de investigação, tanto da imaginação religiosa do próprio Jesus histórico, como do mundo cotidiano da Galileia [...] O Jesus histórico, através de parábolas, transformava experiências cotidianas em narrativas com fundo de realidade e dessa forma, explicava aos ouvintes as atividades de Iahweh beneficiando seu povo. Para essas pessoas, tornava-se fascinante ouvir histórias sobre a ação provedora do Deus de Israel relacionada à suas vidas diárias e experiências cotidianas. Desta forma, essas experiências eram elevadas a um nível simbólico do qual eles mesmos faziam parte. Essa metodologia é encontrada no livro de provérbios que envolvem conselhos populares com elementos cotidianos (CARVALHO, 2017, p. 44)

De acordo com as argumentações do autor acima, os estudos realizados por Freyne sobre o Jesus histórico partem do estudo do lugar onde Jesus viveu, ou seja, a região da Galileia.

Para o autor, o presente estudo apresenta-se como um esforço renovado de exploração da questão da Galiléia e de Jesus, de uma perspectiva diferente. Faz uma ponderação aos estudiosos, que ao se aventurarem sobre a identidade de Jesus, têm concentrado no seu conceito de tempo, ignorando a importância do lugar no estabelecimento e na manutenção dessa identidade. O autor foca seu trabalho na questão ecológica da Galiléia, trabalho este, que tem como fontes de pesquisas, as fontes ecológicas e literárias da época.

Dessa forma, para o estudo do Jesus histórico para além de um mergulho nos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos do seu tempo, seria preciso uma análise do lugar (no aspecto geográfico) onde Jesus viveu e conviveu. Esse lugar de certa forma, contribuiria para o entendimento da personalidade, bem como da prática e ensinamentos de Jesus. Nesse sentido, Jesus nos seus ensinamentos teria se utilizado dos elementos e costumes comuns da Galileia como estratégia de convencimento aos seus seguidores. Ao priorizar os estudos do lugar para o entendimento da pessoa de Jesus, Freyne também aponta para a importância das fontes arqueológicas e literárias para as pesquisas não somente sobre o Jesus histórico, mas também para a região da Galileia como um todo.

Outro estudioso que com suas pesquisas contribuiu nas investigações sobre o Jesus histórico foi Bruce Malina. Eis algumas concepções de Malina sobre Jesus histórico:

O centro da proclamação de Jesus era o reino de Deus [...] A palavra reino em qualquer avaliação, é uma palavra que descreve uma instituição

política da sociedade. Ela é, em sua origem, um termo político, mesmo se um número de leitores da bíblia, profissional e não profissional, tenha apropriado o termo metaforicamente. O que uma expressão como “reino de Deus” significou para a audiência israelita de Jesus no primeiro século? A proclamação do reino de Deus significou, no mínimo, que o Deus de Israel tomaria o controle do país em breve. A expressão “reino de Deus” é um modo descritivo e concreto de dizer “teocracia” Teocracia é um termo da ciência política para se referir ao sistema político de sociedades que se dizem governadas por Deus. O Irã é um exemplo contemporâneo [...] O resultado da carreira de Jesus mostra que, preferencialmente, sua proclamação a respeito do reino de Deus foi política, não metafórica e muito menos “espiritual”, qualquer que tenha sido o significado da palavra no século dezenove (MALINA, 2004, p. 11)

Malina parte do estudo de uma das temáticas abordada por Jesus na sua carreira, que é o reino de Deus. Para os cristãos, o reino de Deus é o centro da pregação de Jesus e a base para a sua missão. Esse reino anunciado pelo Jesus cristão não é um reino terrestre, mas um reino espiritual prometido por Deus. Para o estudioso, o reino de Deus abordado por Jesus em sua carreira não tinha nada haver com uma dimensão espiritual. Esse reino anunciado por Jesus histórico tinha uma conotação claramente política. Tinha sim uma dimensão religiosa, na medida em que, o discurso religioso serviria para dar legitimidade a um possível governo ou regime político. Desse modo, Jesus na concepção de Malina foi um ator social profundamente inserido no seu contexto social, e mais que isso, foi um ator atendo às transformações desse contexto, e por isso, promoveu ações para transformar sua realidade. Diz ainda Malina:

Visto que Jesus na verdade proclamava um reino e olhava para Deus como Pai, proclamando uma teocracia política, econômico-política, religioso-política para Israel, ele estava consciente de uma solução para os problemas políticos de Israel e estava em processo de partilhar a solução com outros. Aqueles que o ouviram comparariam uma solução com outras soluções disponíveis e, se eles a achassem provável, adotariam-na e fariam a respeito dela a outros. É neste ponto que as pessoas estariam inclinadas a formar um pequeno grupo ao redor de Jesus (MALINA, 2004, p. 146).

Conforme verificamos acima, Malina em suas concepções sobre o Jesus histórico também se baseia nos aspectos políticos, econômicos, sociais do seu tempo. Bruce Malina fundamenta-se em teorias antropológicas atuais para entender a cultura do mundo Mediterrâneo antigo onde o Novo Testamento foi gerado. Diz Malina:

A antropologia cultural está essencialmente preocupada com a compreensão transcultural e comparativa das pessoas em grupos estrangeiros ou estranhos, especificamente em termos de como eles diferem de nós e de nosso (s) grupo (s) social (is). Esse estudo olha as diferenças comparativas no modo do ser humano aprender a interpretar os objetos em seu meio ambiente. Esses objetos notavelmente incluem os

maiores condutores de significado humano: o ser, os outros, a natureza, o tempo, o espaço de Deus. Junto com interpretações baseadas e derivadas da comparação, antropólogos estão igualmente interessados estruturas ou modelos de comportamento humano que os grupos humanos criam e se utilizam a fim de mostrar e expressar os significados e os sentimentos que estão investidos na identidade, nos outros, na natureza, no tempo, no espaço e no Supremo, Essas estruturas são chamadas de instituições sociais [...] Na discussão que se segue, estarei preocupado exclusivamente como o Novo Testamento, *corpus* de escritos que procedem do Mediterrâneo oriental no período greco-romano. Quais valores tradicionais do Mediterrâneo? Quais são as estruturas sociais do Mediterrâneo tradicional: parentesco, política, economia, religião, educação (MALINA, 2014, p. 16)

Ao fazer uma conexão interdisciplinar com a Antropologia cultural, Malina procura traçar uma análise aprofundada sobre o contexto histórico, social, econômico, político, religioso e cultural que Jesus viveu. Seu enfoque privilegia o estudo dos ambientes sociais, dos modos de pensar e dos padrões de comportamento das comunidades bíblicas em contraste com o mundo do intérprete moderno da Bíblia, tentando construir uma ponte entre estes dois mundos que nos permita resgatar o sentido dos textos do Novo Testamento.

Desse modo, atualmente muitos são os estudos e pesquisas sobre o Jesus histórico. Conforme afirmamos anteriormente, esses estudos e pesquisas se aprofundam cada vez mais com a contribuição de estudiosos de diversas áreas que se interessam cada vez pela compreensão da figura de Jesus a partir do ponto de vista do conhecimento científico. Evidentemente, esses estudos não se configuram como a “verdade” sobre quem foi Jesus, mas outras formas ou caminhos a compreensão da figura desse ser humano singular que continua a influenciar a vida das pessoas em tempos atuais. Em mundo plural e diversificado, onde as visões ou concepções universais e dogmáticas são cada vez mais questionadas, as várias compreensões e explicações sobre a vida de Jesus nos tornam menos intolerantes e mais abertos para esta realidade multifacetada e em constante transformação.

## **2.2 O Jesus histórico no pensamento de Richard H. Horsley.**

O presente subtópico terá como objetivo fazer uma reflexão sobre a questão dos impactos dos estudos sobre o Jesus histórico na nossa atualidade. Tomaremos como base para nossas análises as concepções do teórico Richard H. Horsley em seu livro: *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*.

A pergunta que nos moveu a se aventurar nessa reflexão, foi a mesma que motivou Horsley a escrever suas reflexões sobre o Jesus histórico: A quem interessa, ou por que

sistematizar um Jesus eminentemente religioso? Tendo como ponto de partida essa argumentação, Horsley fez a seguinte afirmação:

[...] Afinal de contas, na famosa orientação de “dar a Cesar o que é de Cesar” Jesus declarou que o império devia receber o que lhe cabia de direito. E em “amai os vossos inimigos”, em geral se entende que Jesus queria dizer que os “judeus deviam amar, certamente, sem resistir, os soldados romanos que os atormentavam com violências. O Jesus que condescendente como império, porém, está radicado num Jesus que foi reduzido a uma mera figura religiosa. Sendo o império, por definição, um ente político, um Jesus religioso deixa de ter para ele qualquer relevância e implicação. Além disso, os contextos em que Jesus operava, tanto na antiga Palestina como no Império Romano em geral, são igualmente despolitizados, pois com Jesus ocupamo-nos apenas com uma figura que está na origem de uma religião a partir de outra, o surgimento do cristianismo a partir do judaísmo (HORSLEY, 2004, p. 11-12)

De acordo com Horsley, as premissas de um Jesus eminentemente divino, contribuiria para a construção de uma imagem de um Jesus despolitizado. Um Jesus despolitizado certamente não incomodaria as pretensões expansionistas e hegemônicas dos regimes políticos do tempo de Jesus nem tampouco dos outros tantos que se desenvolveram ao longo da história e se utilizaram do discurso religioso para se justificarem ou se fundamentarem ideologicamente. Ainda em seus escritos Horsley elenca quatro fatores preponderantes nessa construção de um Jesus despolitizado:

Mais determinante é o pressuposto ocidental moderno de que a religião está separada da política e da economia. As sociedades ocidentais institucionalizaram esta divisão da realidade não apenas na separação da Igreja do Estado e da economia capitalista, mas também da divisão acadêmica do trabalho. Faculdades e universidades têm departamentos distintos de religião, ciência, política, economia etc [...] Ao pressuposto da religião como esfera separada associa-se estritamente o individualismo ocidental moderno. O individualismo é um desenvolvimento social relativamente recente e peculiar, característico das sociedades ocidentais modernas, especialmente nos Estados Unidos. Novamente projetando um pressuposto ocidental moderno na sociedade antiga, pensamos em Jesus como uma figura individual independente das relações sociais em que estava inserido [...] Outro fator importante na despolitização de Jesus é a orientação científica dos seus intérpretes acadêmicos. Captando sinais da cultura acadêmica dominante, os pesquisadores bíblicos se sentem forçados a ser científicos em seus critérios e procedimentos de pesquisa e interpretação de Jesus. “Dados” dos Evangelhos precisam ser isolados, analisados e postos sob rigoroso controle para então ser usados na reconstrução histórica. Somente os dados que passam no teste da razoabilidade/razionalidade moderna podem ser aproveitados [...] Alguns intérpretes recentes de Jesus despolitizaram-no ainda mais, eliminando do “banco de dados” das suas palavras “autênticas” tudo que implicasse juízos embaraçosos. Eles sustentam que João Batista, o mentor de Jesus, era um profeta apocalíptico, o Filho do Homem, vindo para julgar. O próprio Jesus, dizem eles, não pregou o juízo. As expressões proféticas de condenação são produtos posteriores dos seguidores de Jesus, que ficaram ressentidos por fracassarem e serem perseguidos. Assim, o próprio Jesus não era um profeta, mas um mestre de sabedoria, como os

filósofos cínicos errantes nas cidades da Grécia, ensinando um modo de vida alternativo, como o dos *hippies* modernos, a um bando de nulidades sem raízes. Seja for a credibilidade deste quadro como reconstrução histórica, ele mostra um instrutor individual despolitizado pronunciando aforismos isolados que pertencem apenas a um estilo de vida contracultural individual fora de qualquer contexto político-econômico particular e sem implicações políticas. É difícil compreender por que o governador Pôncio Pilatos, se incomodaria em crucificar uma figura como essa (HORSLEY, 2004, p. 13-14)

Para Horsley um Jesus eminentemente divino, e logo, despolitizado, seria confortável para o pensamento e ideologia capitalista ocidental e sua pretensão de expandir sua hegemonia no mundo e na mentalidade das pessoas. Nesse sentido, um Jesus divino, que prega o amor ao seu inimigo, pacífico e anunciador de um reino atemporal e transcendental, se adequou e se adequa muito bem para a normatização de estruturas seculares de dominação no passado e no presente. Um Jesus despolitizado separa a religião, da política e da economia, e afirma que os assuntos da terra nada tem a haver com os assuntos de céu, e mais que isso, conscientiza seus seguidores a serem cidadãos desse céu atemporal e alienado aos assuntos terrenos considerados como impuros e passageiros.

Um Jesus espiritual e divino compactuaria com a mentalidade individualista do mundo capitalista ocidental que insiste em avançar sobre as sociedades e comunidades que ainda vivem o ideal do bem comum e da partilha coletiva, como por exemplo, as comunidades indígenas na Amazônia. Muitas dessas comunidades já estão sendo influenciadas por essa mentalidade que obriga muitas etnias a “aceitarem” esse Jesus para vivenciarem uma ou várias religiões que muitas vezes condenam e satanizam suas práticas tradicionais religiosas.

Desse modo, essa reflexão feita a partir dos estudos de Horsley que é uma interpretação feita por meio da ótica historiográfica, nos remeteu para a compreensão do fenômeno religioso atual que caracteriza a nossa sociedade atual. Na atualidade, o Jesus divinizado está em alta. A cada esquina, de cada município do Brasil, temos uma ou duas igrejas prometendo curas e libertação utilizando o discurso desse Jesus divino e espiritual.

Os estudos do Jesus histórico contribuíram para uma leitura crítica sobre essa figura que continua a influenciar a vida dessas pessoas simples que o buscam muitas vezes em desespero para sanar uma necessidade ou cura individual. Evidentemente que é necessário respeitar a dimensão da fé e da religiosidade das pessoas e que está relacionado à dimensão cultural e dos costumes. No entanto, também precisamos compreender o que está por traz de determinados discursos e estruturas religiosas que contribuem muitas vezes para a alienação e perpetuação de mecanismos opressores. Nesse sentido, a crucificação de Jesus,

aponta justamente para esse Jesus histórico que não se calou diante das injustiças sociais e lutou pela transformação das estruturas de exploração de seu tempo, tendo a morte na cruz como a prova maior de sua luta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final do presente trabalho se faz necessário tecermos algumas últimas considerações. Primeiramente, os estudos e pesquisa sobre o Jesus histórico nos remeteram para importância que esses estudos passaram a ganhar no âmbito da academia, especificamente nos estudos historiográficos. Desse modo, a pesquisa sobre Jesus histórico, nos leva a refletir sobre a própria autenticidade do conhecimento histórico. A *história como o estudo das ações dos homens no tempo*, busca não a “verdade”, mas a compreensão dos fatos ocorridos no passado e sua influência no tempo presente por meio de uma perspectiva científica. A partir desta compreensão do conhecimento histórico, é possível trilhar um caminho na busca do Jesus histórico, o homem Jesus de Nazaré, dentro do campo da história, que passar a ser um objeto histórico, sendo assim possível estudá-lo, situá-lo no tempo e no espaço, analisado em vários aspectos. O ser humano Jesus de Nazaré, passa a ser pesquisado, estudado, do ponto de vista da história, da ciência, e não da fé. Os estudos e pesquisas sobre o Jesus histórico são antigos e remontam períodos anteriores ao século XVIII. Esse século foi considerado o marco inicial dos estudos sobre o Jesus histórico onde os estudiosos inauguraram as pesquisas sobre o Jesus histórico, construíram as bases das investigações, investigações essas baseadas a partir de uma perspectiva científica.

Tais pesquisas de certa forma, questionaram vários paradigmas sobre o entendimento da figura de Jesus, especialmente aqueles ligados e apresentados pela Igreja, ou seja, o Jesus da fé. Já o segundo momento momentos das pesquisas sobre o Jesus histórico tem como palco de desenvolvimento todo o século XX e suas transformações. Os estudiosos desse período estavam preocupados explicitar a relação do Jesus histórico e o Cristo da fé, ou seja, buscaram uma reconciliação com os estudos e fontes do Jesus visto a partir da perspectiva religiosa. O terceiro momento dos estudos sobre o Jesus histórico teve como característica a pesquisa sobre o Jesus histórico a partir análise do seu contexto sociocultural, político, econômico e religioso. Uma outra característica metodológica seria a análise críticas das fontes sobre Jesus que se ampliaram e foram analisadas sob uma perspectiva interdisciplinar. Essa fase das pesquisas sobre o Jesus histórico também foi caracterizada pela ampliação dos estudos sobre o Jesus histórico o que demonstrou a importância que a temática ganhou dentro da academia e da sociedade como um todo.

As pesquisas mais atuais sobre o Jesus histórico seguem algumas dessas linhas a partir da perspectiva científica desenvolvida ao longo do tempo. As contribuições dos diversos campos científicos como a História, Antropologia, a Arqueologia, a ampliação das fontes de estudos, o aperfeiçoamento dos estudos hermenêuticos, são fundamentais para as pesquisas atualizadas sobre o Jesus histórico que se aprofundam cada vez mais.

Os estudos sobre o Jesus histórico não pretendem se esgotar como “verdades”, mas são uma tentativa de compreender a figura de Jesus que é histórica e que influenciou e continua influenciando a vida dos seres humanos no tempo presente. As reflexões sobre o Jesus histórico também nos permitem interpretar de forma crítica as muitas concepções sobre Jesus que muitas vezes escodem ideologias que contribuem para a manutenção de estruturas de dominação que insistem em nos oprimir. Desse modo, o presente trabalho foi somente uma tentativa de reflexão do Jesus histórico ao longo da história. Esse campo de estudo é diverso e muitas outras pesquisas se desdobrarão sobre essa temática que é atual e continua a instigar não somente a academia, mas sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Paulo J. S. “E vos quem dizeis que eu sou?” (Lc 9, 20): Reflexões teórico-metodológicas para o estudo do Jesus histórico. *Revista de estudos sobre o Jesus histórico e sua recepção*. XI, 20, 2018.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. Editora brasiliense, 1980
- BLOMBERG, Craig L. SEAL, Darlene M. O Jesus histórico na recente erudição evangélica. In: BOCK, Darrel L. *O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs* / Darrel L. Bock, J. EdKomoszweski; tradução de José Fernando Cristófaló. — 1.ed. — Rio de Janeiro: NelsonBrasil, 2020.
- CARVALHO, Jane Viana Almeida. *Um barco esquecido na praia: arqueologia e simbologia do barco da Galileia*, Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. Trad: Barbara Theoto Lambert, Paulinas, São Paulo, 2004.
- DUTRA, Rafael Antônio Faraone. importância do Jesus histórico para Paulo, a partir de 2cor 4, 10-12. *Revista Eletrônica Espaço Teológico* ISSN 2177-952X. Vol. 10, n. 18, jul/dez, 2016, p. 145-155.
- FARBEL, Nachman. *Preâmbulo a edição brasileira*. In: BORNKAMM, Gunther. *Jesus de Nazaré*. 15. Ed. São Paulo: Editora Teológica, 2005.
- GERD, Theissen; ANNETTE, Merz. *O Jesus histórico. Um Manual*. 3º Ed. Trad. Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2015.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2018
- HOBBSAWM, Eric J. *Sobre História*. Trad. Cid Knipel Moreira, Companhia da Letras, São Paulo, 2013.
- HORSLEY, Richard A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. Trad. Euclides Luiz Calloni, Paulus, São Paulo, 2004.
- JOSEFO, Flavio. *História dos Hebreus*. São Paulo: CPAD. 2000.
- KONINGS, Johan. A questão do Jesus “histórico”. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, V. 1. N. 1 1. Sem., 1997.
- LISBOA, Walter Eduardo. *A pesquisa do Jesus histórico*. *Revista de Cultura Teológica*, 2001.

- MALINA, Bruce J. O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea. São Paulo: Paulus, 2004.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; MACHADO, Jonas. Morte e ressurreição de Jesus: reconstrução e hermenêutica. Paulinas, São Paulo, 2009.
- NUNES, Iuri. Os sentidos teológicos e políticos do século I para a figura histórica de Jesus. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana/MG, 2014
- PEGORARI, Bruno. Flávio Josefo: O profeta e o político. In: XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 27 a 31 de Julho, Florianópolis-SC, 2015.
- SANTOS, Herton Alcântara. A relação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé na concepção de Joseph Ratzinger. Monografia (Graduação em Teologia) Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis/GO, 2018.
- SILVA, Jonas Euflausino da. Jesus e sua relação com os fariseus: Um estudo a partir da pesquisa histórica e do evangelho segundo Mateus. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.